

UNITAS-AEQUALITAS-CONNEXIO:

SOBRE A RELAÇÃO ENTRE NICOLAU DE CUSA E THIERRY DE CHARTRES

Unitas-Aequalitas-Connexio: on the relationship between Nicholas of Cusa and Thierry of Chartres

*José Teixeira Neto **

Resumo: Em artigo publicado em 1909, Pierre Duhem “acusou” Nicolau de Cusa de haver “plagiado” Thierry de Chartres. O que chamou a sua atenção foi o fato do *De opere sex dierum libellus* de Thierry se concluir com uma doutrina trinitária, de aparência pitagórica, na qual a eternidade de Deus se deduz da unidade, enquanto que a geração do Verbo pelo Pai é comparada à produção da própria igualdade pela unidade. No caso do Cusano, essa mesma doutrina aparecerá no primeiro livro do *De docta ignorantia* (capítulos VII e VIII). Não pretendemos aqui aprofundar nem a doutrina trinitária de Thierry e nem a de Nicolau, mas oportunamente mostraremos que Nicolau de Cusa se apropria dos termos *Unitas-Aequalitas-Connexio* a partir dos quais especula sobre a Trindade e que o juízo de Duhem sobre a relação entre os dois pensadores precisaria ser repensado.

Palavras-chave: Thierry de Chartres, Nicolau de Cusa, *Unitas-Aequalitas-Connexio*.

Abstract: In an article published in 1909, Pierre Duhem “accused” Nicholas of Cusa of having “plagiarized” Thierry of Chartres. What

* José Teixeira Neto – Professor do Departamento de Filosofia do “Campus Caicó” da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN; Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana – Roma/Itália; Doutor em Filosofia: Programa Integrado de Doutorado em Filosofia UFPB/UFPE/UFRN. Artigo submetido a avaliação no dia 14/01/2012 e aprovado para publicação no dia 23/04/2012.

caught his attention was the fact that Thierry of Chartres' *De opere sex dierum libellus* concluded with a Trinitarian doctrine of Pythagorean appearance, in which the eternity of God is inferred from the unit, while the generation of the Word of the Father is compared to the generation of equality by oneness. In the case of Cusano, the same doctrine appears in the first book of *De docta ignorantia* (Chapters VII and VIII). We do not intend here to further the authors' Trinitarian doctrine, we will show, however, that Nicholas de Cusa employs the terms *Unitas-Aequalitas-Connexio* from which he speculates on the Trinity and that Duhem's opinion on the relationship between both thinkers ought to be rethought.

Keywords: Thierry of Chartres, Nicholas of Cusa, *Unitas-Aequalitas-Connexio*.

1. Thierry de Chartres e a *connexio*¹ como *nexus et amor* entre a unidade e a sua igualdade.

A história da interpretação da relação entre Nicolau de Cusa e Thierry de Chartres começa com Pierre Duhem. Para Beierwaltes² o Cusano se apropria das implicações matemáticas da tríade que Thierry havia desenvolvido na especulação sobre a Trindade e recorda que o primeiro a perceber essa referência de Nicolau de Cusa ao platonismo de Chartres e especialmente a Thierry foi Pierre Duhem em um artigo publicado em 1909 intitulado "Thierry de Chartres et Nicolas de Cues".³ Naquele artigo Duhem reconhecia a erudição do Cusano (*on sait que l'érudition du Cardinal Allemand était très grand*) tendo em vista que Nicolau cita diversos autores e gosta de confirmar o seu próprio pensamento comparando-o com o que aqueles pensadores escreveram. Entretanto, a frequência dessas citações, argumentava Duhem, poderia levar a pensar que elas representariam tudo aquilo que ele recebeu da tradição e que, portanto, teriam influenciado nas suas teorias; tudo aquilo que ele não atribuiu expressamente a outros parecia pertencer a ele próprio. Perguntava Duhem: tal perspectiva

¹ Pode-se grafar o termo "conexão" em latim de duas formas diferentes: *connexio* ou *conexio*. Ambas as formas são corretas. Buscaremos utilizar em nosso texto a primeira forma. Mas, a segunda forma também aparecerá em citações literais como o leitor poderá conferir nas diversas notas de rodapé.

² BEIERWALTES, Werner. "Unidad e Igualdad un cuestionamiento en el platonismo de Chartres y su recepción por Nicolás de Cusa". In: _____. *Cusanus. Reflexión metafísica y espiritualidad*. Traducción de Alberto Ciria. Pamplona: Eunsa, 2005, p. 129-143. Em nota (p. 132, nota 17) o autor sugere que o nome de Duhem deveria aparecer nas notas explicativas na edição crítica de Heidelberg de 1932.

³ DUHEM, Pierre. "Thierry de Chartres et Nicolas de Cues". In: *Extrait de la Revue de Sciences Philosophiques & Théologiques*, Juillet, 1909, p. 1-7 (Agradecemos ao Pe. Jorge Ribeiro que digitalizou esse extrato na biblioteca do Angelicum de Roma).

não colocaria à parte o “passado” que legitimamente ressurge nos textos de Nicolau de Cusa? O Cusano não bebeu frequente e amplamente em fontes que ele julgou não ter que indicar?

É no contexto dessas fontes não citadas que Duhem, pelo menos no que diz respeito à doutrina da Trindade expressa no primeiro livro do *De docta ignorantia*, “acusa” Nicolau de Cusa de um duplice “plágio”. Acreditamos que essa “acusação” nasce no contexto de um exíguo conhecimento tanto das obras quanto das fontes cusanas. Além disso, para Duhem (1909: 2) a acusação de plágio não tem o caráter de uma reprovação moral (*sous l’aspect bas et répugnant qu’il presente aujourd’hui*). Em primeiro lugar, para ele, poderia parecer que a doutrina sobre o amor, teoria fundamental nos escritos de Nicolau de Cusa, teria sido copiada (*avait été empruntée*) da *Teologia de Aristóteles*⁴ (1909: 1). Essa suposição seria também confirmada no que diz respeito ao termo nexa (*connexio – lien*) que Nicolau entende como o Espírito Santo, pois, como não se encontra nos textos de Thierry de Chartres que Duhem (1909: 5) analisou, ele acreditava que provavelmente o Cardeal Alemão não estaria mais se inspirando no mestre de Chartres, mas em outras fontes e a *Teologia de Aristóteles* parecia ser uma dessas fontes⁵.

Em segundo lugar, Thierry de Chartres teria sido vítima de plágio e neste caso bem mais manifesto para Duhem (1909: 2). O ponto de partida é o texto

⁴ PSEUDO-ARISTÓTELES. *A teologia de Aristóteles*. Tradução do árabe, introdução e notas por Catarina Belo. Obras Completas de Aristóteles, Volume XIII, Tomo II (Coordenação de Antônio Pedro Mesquita), Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. Ed. INCM (Imprensa Nacional-Casa da Moeda), 2010. Na “Introdução” lemos que “A *Teologia de Aristóteles* apresenta um caso possivelmente sem paralelo de um texto de atribuição errônea que teve um impacto decisivo no curso da história da filosofia, especificamente na filosofia medieval islâmica” (p. 14). Posteriormente, afirma-se que a obra “é produto do famoso círculo de tradutores que trabalhavam sob a égide de al-Kindi (m. c. 866) . – em Bagdade, capital do Califado Abássida. – apelidado “o filósofo dos árabes”, devido à origem árabe da sua família. Al-Kindi é também considerado o primeiro filósofo muçulmano a ter desenvolvido a sua própria filosofia” (p. 15). Por fim, na mesma página indica-se que “a obra consiste na tradução, ou adaptação de excertos das *Enéadas* de Plotino, especificamente partes dos livros IV, V e VI, os últimos da obra”. Cfr. também TER REEGEN, Jan G. J. “A Metafísica da Teologia do Pseudo-Aristóteles. In: *Anales del Seminario de Historia de la Filosofía*. Vol. 23 (2006): 59-74. Disponível em: <http://revistas.ucm.es/fsl/02112337/articulos/ASHF0606110059A.PDF>. Acesso em: 07 de Junho de 2011: “A assim chamada *Teologia de Aristóteles* é um documento que surgiu no mundo árabe ao redor dos anos 800 e que se caracteriza basicamente como uma espécie de paráfrase dos últimos três tratados das *Enéadas* de Plotino, acrescentadas por trechos explicativos ou que apresentam algum aspecto novo. Estes tratados tratam, respectivamente, da Alma, da Inteligência e do Ser Último, também chamado o Bem ou o Uno”. Existe também uma tradução para o espanhol: PSEUDO-ARISTÓTELES. *Teología*. Traducción del árabe, introducción y notas por Luciano Rubio, OSA. Madrid: Ediciones Paulinas, 1978.

⁵ Esta hipótese de Duhem não será aqui verificada, mas procuraremos mostrar que compreensão cusana do *nexus* ou *connexio*, que se refere à terceira pessoa da Trindade, funda-se na mesma doutrina de Thierry de Chartres.

De opere sex dierum libellus, ou seja, o comentário de Thierry ao primeiro livro do Gênesis. Duhem se baseou no texto editado, a partir de quatro manuscritos existentes na *Bibliothèque Nationale* de Paris, por Barthélémy Hauréau⁶. O que chamou a atenção de Duhem para o confronto entre Thierry e o Cusano é que o texto publicado terminava com uma doutrina da trindade, de aparência pitagórica, na qual a eternidade de Deus se deduz da unidade, enquanto que a geração do Verbo pelo Pai é comparada à produção da própria igualdade pela unidade. No caso do Cusano, essa mesma doutrina aparece em dois capítulos do primeiro livro do *De docta ignorantia* (nomeadamente os capítulos VII e VIII — *De trina et una aeternitate* e *De generatione aeterna*).

Deve-se afastar, argumentava Duhem, como possibilidade de explicação para uma “reprodução exata” de uma teoria tão específica a probabilidade de um “encontro fortuito” entre esses dois autores. Uma comparação entre os textos de Thierry e de Nicolau apontaria que um encontro desse tipo seria improvável. O modo literal como algumas fórmulas são repetidas nos dois textos sugerem que o Cusano teria, diante dos olhos, os escritos do mestre de Chartres, a não ser que os dois autores tivessem uma mesma fonte em comum. Entretanto, o próprio Duhem afirmava que essa hipótese parecia muito duvidosa.

De modo geral, na comparação entre o texto cusano e aquele de Thierry alguns aspectos negativos do primeiro serão acentuados por Duhem. Por exemplo, o texto de Nicolau em relação àquele de Thierry no qual ele se inspira é, geralmente, mais conciso e é uma espécie de resumo e um resumo mal elaborado (*un résumé mal fait*). Enquanto as ideias de Thierry são claras e exprimem ordenadamente o seu pensamento, as do Cusano se perdem frequentemente em uma excessiva obscuridade (*excessive obscurité*). Como um comentário que precede o texto (*le commentaire a précédé la lettre*), afirmava Duhem, o texto de Thierry ilumina essas trevas e é como um comentário ao confuso texto cusano.

⁶ GARCÍA RUIZ, Maria Pilar. “Preámbulo Filológico” In: THIERRY DE CHARTRES. *Tratado de la obra de los seis días / Tractatus de sex dierum operibus*. Estudio preliminar de Elisabeth Reinhardt; Preámbulo filológico, traducción y comentario de María Pilar García Ruiz. Pamplona: EUNSA, 2007, p. 77-84: “[...] el texto del *Tractatus* de Thierry de Chartres fue descubierto por primera vez en un manuscrito de París en 1869 [A=París BNLat 3584, f. 1v10, del siglo XII]. Unos años después, B. Hauréau descubrió otros tres manuscritos que contenían el *Tractatus* de Thierry pero no la carta y el *Tractatulus* de Clarembaldo; era los manuscritos P=París BNLat 647, f. 167-173, Q=París, BNLat 15601, f. 98-100; y R=París, BNLat 18096, f. 45-49, todos ellos del siglo XII. Estos manuscritos (APQR fueron colacionados por B. Hauréau para su edición del *Tractatus* de Thierry, realizada en 1890, [*Notices et extraits de quelques manuscrits de la Bibl. Nationale* 1, París, 1890]” (p. 78).

Após uma apresentação sinótica (1909: 3-5) dos dois textos Duhem concluía que o Cusano não faz somente alusão à unidade e à igualdade, mas também à *connexio* e neste último caso, como vimos, Nicolau não estaria mais citando Thierry, mas outra fonte. Por fim, mesmo que se pudesse conhecer os autores que inspiraram as diversas partes da doutrina de Nicolau de Cusa, não por isso, dever-se-ia provar uma menor admiração pelo gênio metafísico que soube fundir e forjar um sistema rigoroso a partir dessas diversas fontes. Uma síntese assim rigorosa, sugere Duhem (1909: 5-6), é talvez mais surpreendente e desconcertante do que um trabalho de pura invenção (*une telle synthèse est peut-être plus étonnante qu'une oeuvre de pure invention*).

As indicações de Duhem, mesmo em um contexto de escassos estudos tanto do pensamento de Nicolau de Cusa quanto das fontes nas quais ele se inspira são importantes para se começar a pensar sobre a relação entre a especulação cusana e a de Thierry de Chartres, principalmente sobre a doutrina trinitária. Vale lembrar que a redescoberta do Cusano é um processo que se inicia no final do século XIX e início do século XX e principalmente após o início da publicação da sua obra crítica⁷. Já no caso de Thierry, como vimos, a análise de Duhem se baseou no *De opere sex dierum libellus* (ou *Tractatus de sex dierum operibus*) o que o levou a pensar que o Cusano teria plagiado do chartrense a doutrina da unidade e da igualdade e que

⁷ ANDRÉ, João Maria. *Sentido, Simbolismo e Interpretação no Discurso Filosófico de Nicolau de Cusa*. Coimbra, 1997. O autor (p. 22-44) trata brevemente a história da interpretação do pensamento de Nicolau de Cusa em dois momentos: 1. O esquecimento de um pensador; 2. A recuperação de um pensador. No que se refere especificamente ao segundo momento o autor falará de quatro etapas: “A primeira etapa, [...], corresponde à redescoberta deste autor e à renovação do interesse pelos estudos cusanos a partir do movimento neotomista do século passado [leia-se século XIX]” (p. 31); “A segunda etapa tem início com a descoberta de Nicolau de Cusa pelos neokantianos no princípio deste século [leia-se século XX]. Referimo-nos nomeadamente às interpretações de E. Cassirer e do seu discípulo J. Ritter. A eles se deve, por um lado, o mérito de resgatar o pensamento de Nicolau de Cusa da polémica teísmo-panteísmo e transcendência-imanência divinas e, por outro lado, a abertura do seu pensamento para a filosofia moderna, com o intuito de nele detectar traços prefiguradores dessa mesma filosofia” (p. 34-35); a terceira etapa é “o início da publicação da edição crítica das suas [de Nicolau de Cusa] obras no âmbito da Academia de Heidelberg, em 1932, com a apresentação do *De docta ignorantia* sob o cuidado de E. Hoffmann e R. Klibansky” (p. 36); a quarta etapa “[...] é marcada por dois acontecimentos extremamente decisivos para a investigação da sua obra. O primeiro foi a fundação da ‘Gesellschaft für Cusanusforschung’ em agosto de 1960 [...]. Complemento importante da fundação desta sociedade foi a criação do ‘Institut für Cusanusforschung’, no primeiro ano da sua existência, na Universidade de Mainz, posteriormente transferido para Trier, onde ainda hoje funciona em ligação com a Faculdade de Teologia Católica. O segundo acontecimento foi a comemoração do quinto centenário da morte do Cardeal, em 1964, com dois momentos altamente significativos: os congressos realizados nesse mesmo ano, o primeiro em Bernkastel-Kues, de 8 a 12 de Agosto, e o segundo em Bressanone, de 6 a 10 de Setembro” (p. 40).

a doutrina da *connexio* pertenceria a outra fonte. De fato, o *Tractatus*⁸ termina apenas anunciando que se tratará também da *connexio*⁹. Somente na segunda metade do século XX é que os comentários ao *De Trinitate* de Boécio (*Commentum super Boethii librum de Trinitate*; *Lectiones in Boethii librum De Trinitate*; *Glosa super Boethii librum de Trinitate*) serão identificados e editados por Nikolaus Häring. Esses três textos “são escritos anônimos, porém segundo Häring sua autoria pode ser atribuída com bastante probabilidade a Thierry”¹⁰ (2007: 32). Assim, partindo da sugestão de Duhem de que a leitura de Thierry poderia iluminar a especulação cusana sobre a Trindade nos parece necessário, além do *Tractatus*, também ter em consideração os comentários anônimos ao *De Trinitate* de Boécio que são atribuídos a Thierry¹¹.

⁸ As citações das obras de Thierry de Chartres serão feitas a partir da edição de Nikolaus Häring (sigla: nh): THEODERICI CARNOTENSIS. *Tractatus*. Ed. N. Häring. *Archives D'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Age*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1955, p. 184-200; THEODERICI CARNOTENSIS. *Glossa Super Librum Boethii de S. Trinitate*. Ed. N. Häring. *Archives D'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Age*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1956, p. 257-325; THEODERICI CARNOTENSIS, *Lectiones in Boethii librum De Trinitate*. Ed. N. Häring. *Archives D'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Age*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1958, p. 113-226; THEODERICI CARNOTENSIS. *Commentum Super Boethium de Trinitate*. Ed. N. Häring. *Archives D'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Age*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1960, p. 65-136.

⁹ *Tractatus*. nh. n. 47, p. 200: “Hactenus de equalitate unitatis. Nunc quomodo connexio equalitatis et unitatis ab utraque earum procedat explicandum est secundum disciplinas propositas”. Cfr. também: COUNET, Jean-Michel. *Mathématiques et dialectique chez Nicolas de Cuse*. Paris: Vrin, 2000: «A la fin du *Tractatus de sex dierum operibus*, nous voyons qu’il est fait mention d’une troisième modalité de l’unité, la connexion de l’unité et de l’égalité, mais le texte que nous possédons s’achève avant que ce dernier point ait été développé. Il y a néanmoins moyen d’acquiescer à ce propos de plus amples renseignements en recourant aux écrits d’autres membres de l’école, comme Clarembaud d’Arras qui a été disciple de Thierry et qui reprend ses conceptions fondamentales. L’unité et l’égalité sont liées l’une à l’autre par un désir mutuel: l’égalité tend vers l’unité comme vers le terme de la relation qu’elle est en elle-même; de même l’unité incline à rester ce qu’elle est, c’est-à-dire à l’égalité avec soi-même. Ce lien de l’amour mutuel porte le nom de connexion: comme son nom l’indique il relie l’unité et l’égalité, parachève et consacre la substance unique. Cette connexion est elle-même antérieure à toute et à ce titre-là, elle est éternelle et ne forme qu’un seul être avec l’unité et l’égalité» (p. 86). Por outro lado, acreditamos que ainda a partir do próprio *Tractatus* e também a partir dos comentários ao *De Trinitate* de Boécio atribuídos a Thierry poderíamos esclarecer a ideia de *connexio* ou *nexus* no chartrense e consequentemente em Nicolau de Cusa.

¹⁰ REINHARDT, Elisabeth. “Estudio Preliminar”. In: THIERRY DE CHARTRES. *Tratado de la obra de los seis días / Tractatus de sex dierum operibus*. Estudio preliminar de Elisabeth Reinhardt; Preámbulo filológico, traducción y comentario de María Pilar García Ruiz. Pamplona: EUNSA, 2007, p. 13-75.

¹¹ Cfr. BEIERWALTES, Werner. “Unidad e Igualdad un cuestionamiento en el platonismo de Chartres y su recepción por Nicolás de Cusa”. In: _____. *Cusanus. Reflexión metafísica y espiritualidad*. Traducción de Alberto Ciria. Pamplona: Eunsas, 2005, p. 129-143. Beierwaltes alarga a visão sobre as fontes cusanas para a especulação sobre a Trindade e, a partir daí, conclui que existe “[...] un enlace aún más estrecho, al menos indirecto, de la Edad Media y el Renacimiento con la Antigüedad griega” (p. 140). Os traços desse vínculo seriam: Nicolau de Cusa, Platonismo de Chartres, Boécio, Santo

Como dissemos anteriormente o *Tractatus* de Thierry apenas anuncia que tratará também da *connexio*. Apesar disso, como o chartrense expõe algumas considerações sobre a terceira pessoa trinitária, acreditamos ser possível indicar alguns aspectos da *connexio* ainda a partir desse texto. Quando Thierry, logo no início do *Tractatus*, discute sobre as causas da existência do mundo (*Mundanae igitur subsistentiae causae sunt quattuor*) ele afirma que são quatro e identifica a eficiente, a formal e a final com as três pessoas da Trindade e a material com os quatro elementos, ou seja, a eficiente é Deus, a formal é a sabedoria divina, a final é a sua bondade e a material são os quatro elementos. Segundo ele, é necessário que as coisas mutáveis tenham um autor e que por terem sido dispostas segundo uma ordem racional e bela

Agostinho e Nicômaco de Gerasa (século II d. C.). Acompanhem os aspectos principais desse percurso: a) “En el *Platonismo de Chartres*, sobre todo en la figura central, Thierry de Chartres, pero también en su discípulo Clarembald de Arras, en Juan de Salisbury, en el autor del escrito *De septem septenis*, y en Alanus de Insulis, el concepto de ‘aequalitas’, no en último término a causa de su procedencia aritmológica pitagorizante, alcanzó un significado eminente para la especulación sobre la Trinidad y para la fundamentación conceptual de la estructura de orden del cosmos” (p. 130). Em seguida Beierwaltes cita algumas frases que surgiram de “una interpretación del *De Trinitate* de Boecio”. b) Depois, Beierwaltes (p. 138) aponta como “una de las posibles fuentes de la concepción de la Trinidad de Thierry y, por tanto, también de la del Cusano, la comprensión de la tríada por parte de San Agustín, que ostensiblemente él mismo acuñó por vez primera para la Trinidad: ‘unitas-aequalitas-concordia’ [*De doctrina christiana*, I, 5,5]”. c) Por outro lado, ele lembra também que “no menos importante como precedente histórico y objetivo, y como permanente punto de referencia de autoridad para el platonismo de Chartres, pero también para el Cusano, es Boecio” (p. 139). d) Por último, segundo Beierwaltes (p. 140) tanto Agostinho quanto Boécio “se encuentran en el ámbito de influencia de la tradición neopitagórica, que trató de radicalizar lo ‘pitagórico’ en el platonismo. Es seguro que de ella proceden impulsos esenciales para el significado específico de los conceptos de *unitas* y de *aequalitas*, también para el pensamiento de la unidad que se genera a sí misma. Si se piensa que, aparte de otros textos, San Agustín y Boecio tenían acceso a un texto capital de esta tradición, la *Introducción a las matemáticas* del pitagórico platonizante Nicómaco de Gerasa (siglo II p. C.) – que Yamblich, Teo de Smirna y Juan Filopono interpretaron, y que Apuleyo tradujo al latín –, entonces se amplía la mirada a las fuentes de los chartrianos y del Cusano”. Pode ser sugestivo, ainda para esclarecer a relação entre Nicolau de Cusa, Thierry de Chartres e Santo Agostinho e o pitagorismo, sobre a temática da Trindade as afirmações de Counet (COUNET, Jean-Michel. *Mathématiques et dialectique chez Nicolas de Cuse*. Paris: Vrin, 2000, p. 87): “[...] ces termes d’unité, d’égalité, de connexion pour la Trinité sont empruntés par les Chartrains entre autres à Saint Augustin pour lequel dans le Père est l’unité, dans le Fils est l’égalité, dans l’Esprit-Saint la concorde de l’unité et de l’égalité [*De doctrina christiana*, I, 5, PL 34,21]. La connexion sera naturellement associée à la concorde car le texte d’Augustin contient le terme immédiatement après”. No parágrafo sucessivo, entretanto, Counet afirma que «Chez l’évêque de Hippone, cette affirmation dogmatique n’a pas tout le sens mathématique précis que Thierry et ses successeurs voudront y trouver. Augustin connaît les spéculations pythagoriciennes sur l’unité mais ne les applique pas au mystère de la Trinité. L’image par excellence du mystère de la vie divine, qui nous permet d’en pressentir quelque chose *quasi in speculo et in aenigmate*, c’est bien entendu pour Augustin l’âme humaine avec ses facultés de mémoire et de volonté; de façon significative la formule du *De Doctrina christiana* ne donne pas lieu dans le *De Trinitate* à un développement thématique».

é também necessário que tenham sido criadas por uma sabedoria. Por último, tendo em vista que o Criador não necessita de nada, convém que as coisas tenham sido criadas pela sua bondade e por seu amor para participar a sua felicidade por meio do seu amor. Thierry, portanto, faz com que toda a Trindade atue na matéria, isto é, nos quatro elementos: cria a matéria enquanto causa eficiente, informa-a e a dispõe enquanto causa formal e enquanto causa final a ama e a governa. Por fim, ele afirma que o Pai é a causa eficiente, o Filho a causa formal, o Espírito Santo, a causa final¹². A quem Deus participa a sua própria felicidade? Certamente àqueles que conseguem conhecê-lo por meio das coisas criadas. Assim, o Espírito é o que proporciona, enquanto causa final, a união do homem com o divino na qual aquele encontrará a sua felicidade.

Na *expositio littere*¹³ Thierry interpreta, na frase “*et spiritus Domini ferebatur super aquas*”, o termo “*aquas*” como referindo-se à matéria informe e, portanto, aos quatro elementos. Ainda segundo ele o termo “*spiritus*” não indica o ar, ou seja, um dos quatro elementos, mas, Moisés quer indicar, depois de delimitada a matéria na informidade (*informitas*) dos quatro elementos, que a potência do artífice (*virtutem artificis*) ou a potência operadora do artífice (*virtute artificis operatrice*) precede à matéria e a domina para informá-la e ordená-la a um fim, pois como a matéria é por si mesma informe só poderia alcançar sua forma por essa potência operadora¹⁴. Por último, Thierry sublinha que os filósofos deram nomes diversos a essa potência. Mercúrio a chamou “espírito”; Platão “alma do mundo”; Virgílio “espírito” que do interior faz viver todas as coisas; os hebreus falam de um “espírito operador” e a esse mesmo os cristãos chamam Espírito Santo¹⁵.

Tendo concluído, na *expositio littere*, a interpretação dos dois primeiros versículos ele anuncia a primeira parte do terceiro: “*Et dixit Deus: fiat lux*”¹⁶.

¹² *Tractatus*. nh. n.2-3, p. 184-185. Citemos a conclusão desses números: “*Nam Pater est efficiens causa, Filius vero formalis, Spiritus sanctus finalis, quattuor vero elementa materialis. Ex quibus quattuor causis corporea substantia habet subsistere*” (n. 3, p. 185).

¹³ *Tractatus*. nh. n.18-29, p. 190-194.

¹⁴ *Tractatus*. nh. n.25, p. 193: “*Et spiritus Domini ferebatur super aquas. Designata materia, subsequenter virtutem artificis, quam ‘spiritum Domini’ appellat, dicit preesse materie atque dominari ut eam informet atque ordinet. Praeclare post materiam subjungit de virtute artificis operatrice. Nam illa virtute in materiam operant, omnia quae sunt vel videntur in caelo vel in terra habent consistere. Cum enim ipsa materia ex se sit informis, non potest ullo modo formam adipisci nisi ex virtute artificis operante atque ipsam ordinante. Hanc virtutem philosophi diversis nominibus appellaverunt*”.

¹⁵ *Tractatus*. nh. n.27, p. 193: “*Christiani vero illud idem ‘Spiritum sanctum’ appellant*”.

¹⁶ *Tractatus*. nh. n.29, p. 194: “*Et dixit Deus: Fiat lux: Ostensis duobus primordiis creaturae, materia scilicet et virtute operatrice, competenti ordine vult demonstrare quomodo et quo ordine Spiritus Domini in materiam operatur secundum modum, in sapientia Creatoris ab aeterno dictum atque praefinitum. Sed in hoc loco juxta modum expositionis de divinitate pauca dicenda sunt, ut appareat quid sit dicere Dei, et cur prius fecerit mentionem Spiritus quam Verbi. Quicquid autem de hac re dicemus, ex vera et sancta teologia sumptum esse nemo dubitet*”.

Segundo ele, depois de Moisés mostrar a matéria e a potência operadora como os dois primeiros princípios da criação, quer em seguida mostrar a maneira e a ordem segundo a qual o “*Spiritus Domini*” age sobre a matéria de acordo com o modo dito e determinado *ab aeterno* pela sabedoria do criador. O próximo passo da *expositio* seria dizer algo sobre a divindade¹⁷ e são duas as questões que precisam ser aclaradas: *quid sit dicere dei et cur prius fecerit mentionem Spiritus quam Verbi*. Como já sabemos, em continuação, determina-se em que sentido Deus é unidade e que o “dizer de Deus” é o seu Verbo, a sua sabedoria na qual estão contidas as noções das coisas (*notiones continentur*), ou seja, a igualdade da unidade. Portanto, a partir dessas indicações do *Tractatus* podemos concluir que são pelo menos três os aspectos segundo os quais a terceira pessoa é pensada: causa final, *virtute artificis operatrice* e *connexio aequalitatis et unitatis ab utroque earum procedat*.

Por outro lado, se tomarmos os comentários ao *De trinitate* de Boécio vamos encontrar uma compreensão da *connexio* e do seu papel, por assim dizer, no interior da Trindade e na criação. Examinemos, por exemplo, o texto da *Glossa V*, 17-20: em primeiro lugar, Thierry destaca que Agostinho é o único que considera a Trindade segundo a doutrina matemática: unidade, igualdade da unidade e conexão¹⁸. A *connexio* é pensada como um *nexus et amor* que eternamente e sem princípio (*sine principio semper*) vai da unidade para a sua igualdade e reflui da igualdade para a unidade. Sem esse *nexus et amor* unidade e igualdade não permaneceriam infinitas (*sine fine*) e, portanto, cairiam na sucessão da mudança. Portanto, a *connexio* é união amorosa de unidade e igualdade para que as mesmas permaneçam, pois sem a unidade a igualdade não seria e sem a igualdade a unidade se dividiria deixando de ser¹⁹. Em seguida a *unitas*, *aequalitas* e *connexio* é referida às três pessoas da Trindade²⁰.

¹⁷ *Tractatus*. nh. n.30-47, p. 194-200: “De divinitate”.

¹⁸ *Glossa super librum Boethii de S. Trinitate*. nh. V, n. 17, p. 320: “*Mathematicam super hanc rem doctrinam non addit nisi Augustinus dicens unitatem esse in Patre et eiusdem unitatis aequalitatem in Filio atque unitatis aequalitatisque connexionem et amorem in Spiritu santo*”.

¹⁹ *Glossa super librum Boethii de S. Trinitate*. nh. V, n. 20, p. 320: “*Sed sine principio semper ab unitate versus sui aequalitatem, quo sine fine et successionis mutabilitate manerent, nexus et amor quidam extitit qui ad eandem reciprocatur ab aequalitate unitatis. Unitas enim valde ornat essendi aequalitatem. Aliter enim non esset si se contemneret. Similiter unitatis aequalitas valde amplectitur unitatem quasi entitatem. Periret enim si divisionem incurreret*”.

²⁰ *Glossa super librum Boethii de S. Trinitate*. nh. V, n. 21, p. 321: “*Sed nihil aeternum nisi Pater et Filius et Spiritus sanctus. Et hi unum aeternum quod et entitas est quia essendi aequalitas; longe pellens divisionem quia unitas; sese ex seipso in hanc connexionem continens quia amor et nexus. Unitas itaque Pater est, Filius unitatis aequalitas, Spiritus sanctus unitatis aequalitatisque connexio*”. Cf. também: *Commentum super Boethium de Trinitatis*. nh. II, n. 37, p. 102: “*Est autem quaedam aequalitatis essendi ad unitatem conexio. Aequalitatem namque unitas, unitatem semper diligit aequalitas. Quod per*

2. De docta ignorantia²¹: o Máximo é necessariamente trino

Após mostrarmos a compreensão de Thierry de Chartres sobre a Trindade divina e refletirmos sobre a sua possível influência no pensamento cusano tomaremos para a análise os dois capítulos do primeiro livro do *De docta ignorantia* indicados por Duhem como sendo um “plágio” do *Tractatus* de Thierry de Chartres e também o capítulo sobre a *connexio* para mostrar como Nicolau especula sobre a Trindade a partir do trinômio *unitas-aequalitas-connexio* que ele recebe da tradição da Escola de Chartres.²²

*contrarium perpendi potest. Unitas enim divisionem refugit. [...]. Concludatur itaque ut, quoniam divisionem refugit et unitatem aequalitas diligit et unitas aequalitatem. Amor igitur quidam est et conexio aequalitatis ad unitatem et unitatis ad essendi aequalitatem”. No parágrafo seguinte (n. 38) o termo utilizado para falar da relação na Trindade é o termo teológico *prôccð?re*. Por último, na reflexão sobre a Trindade e a criação o espírito é denominado ‘*motus substantialis*’: “*Dictum autem est quoniam unitas secundum hoc, quod amor est et conexio, spiritum creat. Motus namque substantialis ei est. [...]. Motus namque substantialis spiritui est, qui ex amore quodam movetur i.e. naturaliter tendit ad esse, ut dictum est”* (II, n. 42, p. 103). Cfr. ainda: *Lectiones in Boethii Librum de Trinitate*. nh. V, n. 16, p. 215; VII, n. 7, p. 222-223: “*Sed aequalitas appetit unitatem et unitas econverso aequalitatem. Hic itaque amor, quo aequalitas appetit unitatem et unitas aequalitatem, amborum conexio est. Istud ‘amborum’ relativum est ad proprietates has quas dixi aequalitatem et unitatem, non ad res discretas. Non enim est nisi una sola unitas, trina tamen in proprietate. Conexio enim unitas est. Nam in uno penitus pluralitas non est. Tamen non concedimus quod conexio aequalitas sit, propter personales proprietates. Unitas autem numerum facit, aequalitas vero proportionem, conexio proportionalitatem”*.*

²¹ Citaremos o *De docta ignorantia* (1440) de Nicolau de Cusa a partir das seguintes edições: NIKOLAUS VON KUES. *De docta ignorantia*. In: Philosophisch-Theologische Werke. Band I. Felix Meiner Verlag: Hamburg, 2002. (sigla: w); NICOLAU DE CUSA. *A douta ignorância*. 2ª Ed. Tradução, introdução e notas de João Maria André. Lisboa/Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. Existe também uma tradução brasileira do mesmo texto: NICOLAU DE CUSA. *A douta ignorância*. Tradução, prefácio e notas de Reinhold Aloysio Ullmann. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

²² Nicolau não faz referência a Thierry de Chartres no *De docta ignorantia* quanto trata sobre a *unitas-aequalitas-connexio*. Mas, poderíamos perguntar se o faz em outras obras nas quais esclarece as fontes do seu pensamento. Existe na *Apologia doctae ignorantiae* (NICOLÒ CUSANO. *Apologia Doctae Ignorantiae discipuli ad discipulum*/Difesa della docta ignoranza di un discepolo ad un altro discepolo. In: *Scritti filosofici*. Traduzione di G. Santinello. Vol. II com texto latino a frente. Bolonha/Itália: Zanichelli, 1980, p. 203-257. sigla: s) uma referência a um comentador de Boécio que alguns estudiosos do pensamento cusano acreditam ser Thierry de Chartres: *Apologia doctae ignorantiae*. s. n. 37, p. 238, linhas 1-10: “*Cum enim dicitur Patrem unam esse personam et Filium alteram et Spiritum sanctum tertiam, non potest alteritas significatum suum tenere, cum sit haec dictio imposita, ut significet alteritatem ab unitate divisam et distinctam; et ita non est alteritas sine numero. Talis autem alteritas nequaquam indivisibili Trinitati convenire potest. Unde ait commentator Boethii De Trinitate, vir facile omnium, quos legerim, ingenio clarissimus: “Ex quo in divinis non est numerus, ubi trinitas est unitas – ubi, ut Augustinus ait, si incipis numerare, incipis errare –, tunc proprie non est differentia in divinis.” Dicit ‘proprie’ secundum impositionem vocabuli;” Hopkins (HOPKINS, Jasper. *Nicholas of Cusa’s debate with Jonh Wenk*. A Translation and an*

Referimo-nos aos capítulos VII-IX. Recordemos que o *De docta ignorantia* está dividido em três livros cujo objeto corresponderia a pensar sobre Deus, o mundo e o homem por meio do conceito de “máximo”. Assim, Deus é o máximo absoluto, o universo o máximo contraído e Jesus é ao mesmo tempo o máximo absoluto e contraído. De modo geral poderíamos resumir os seis primeiros capítulos do primeiro livro como segue: o Máximo absoluto, enquanto escapa à proporção que só é possível entre as coisas que admitem “um excedente e um excedido”, é infinito, coincide com o mínimo e é ao mesmo tempo incompreensível e inominável. A coincidência dos opostos, pensada a partir da coincidência de máximo e mínimo, a afirmação de que o Máximo está acima de toda oposição e de toda proporção comparativa sendo unidade infinita e, por último, a afirmação de que o máximo é princípio e fim de tudo aquilo que é sendo necessidade absoluta indica a transcendência do Máximo infinito²³. As últimas linhas do sexto capítulo

Appraisal of *De Ignota Litteratura* and *Apologia Doctae Ignorantiae*. Third edition, Mineapolis: The Arthur J. Banning Press, 1988, p. 92, nota 81) refere que segundo R. Klibansky estas palavras não se encontram nos textos de Agostinho. Porém, afirma ele, o significado (*meaning*) corresponde a *De Trinitate* VI, 7; VI, 10 e VIII, 1. Sobre a identidade do “commentator Boethii *De Trinitate*”: Santinello em uma nota à tradução acima citada (1988: 238, nota 66) afirma que Nicolau refere-se ao Pseudo-Beda (*Commentarium in Boethii de trinitate*, PL, XCV, 404 b); por outro lado, Hopkins, em nota à tradução acima citada (1988: 92, nota 82), e Santiago Sanz (NICOLÁS DE CUSA. *Apología de la Docta Ignorantia*. Juan Wenck. *La ignorada sabiduría*. Introducción, traducción y notas de Santiago Sanz. Cuadernos de Anuario Filosófico, 24. Pamplona/España: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra. S.A., 1995, p. 103, nota 92) reconhecem nesse texto uma referência ao *Commentarius in Librum Boethii de Trinitate* de Thierry de Chartres (PL 95: 404). Por outro lado, Counet (COUNET, Jean-Michel. *Mathématiques et dialectique chez Nicolas de Cuse*. Paris: Vrin, 2000, 85) após considerar que a afinidade entre Nicolau de Cusa e a Escola de Chartres não se restringe à doutrina da *complicatio* e *explicatio* e que ela pode ser ainda maior afirma que « la doctrine trinitaire de Nicolas remonte elle aussi pour l’essentiel à cette même école ». No parágrafo seguinte ele afirma ainda que « Il [o Cusano] a lu avec profit des *Commentaires sur le De Trinitate* de Boèce mais aussi le *De opere sex dierum libellus*, au point que Duhem avait accusé en son temps l’auteur de la *Docte Ignorance* de plagier son illustre prédécesseur pour la doctrine trinitaire ». Para justificar a sua afirmação de que Nicolau teria lido os comentários sobre o *De Trinitate* de Boécio, Counet (2000 : 85, nota 1) afirma que « E. Jeaneau voit une allusion à cette dette intellectuelle dans l’*Apologie de la Docte Ignorance*, où Nicolas parle de façon élogieuse d’un commentateur du *De Trinitate* de Boèce qu’il a lu (« vir facile omnium quos legerim ingenio clarissimus ») et il le cite comme autorité pour le fait qu’il n’y a pas d’alterité séparée et distincte de l’unité dans la Trinité. Pour Jeaneau, le commentateur en question est Thierry. [...]. Mais F. Bertin, dans sa traduction de l’ouvrage [...] l’identifie plutôt avec pseudo-Bède ».

²³ Para os diversos problemas que envolvem os temas abordados nesses capítulos e para uma introdução aos diversos problemas que envolvem a especulação cusana: MACHETTA, Jorge M. & D’AMICO, Claudia. (Editores). *El problema del conocimiento en Nicolás de Cusa: genealogía y proyección*. Buenos Aires: Biblos, 2005; MACHETTA, Jorge M. & D’AMICO, Claudia. (Editores). *Nicolás de Cusa: identidad y alteridad*. Pensamiento y diálogo. Buenos Aires: Biblos, 2010; ÁLVAREZ GÓMEZ, Mariano & ANDRÉ, João Maria. *Coincidencia de Opuestos y Concordia*. Los Caminos del Pensamiento en Nicolás de Cusa. Actas del Congreso Internacional celebrado en Coimbra y Salamanca los días 5 a 9 de noviembre de 2001. Tomo II. Salamanca: Sociedad Castellano-Leonesa de

funcionam como uma conclusão para o pensado nos dois capítulos anteriores, mas também funcionam como uma abertura para o que será pensado nos capítulos seguintes. Reafirma-se a necessária existência do Máximo (necessidade absoluta), mas também que enquanto simples, isto é, anterior a qualquer oposição, ele é uno: “Por estas e infinitas razões semelhantes, tendo em conta o que foi dito mais acima, a douta ignorância vê de modo totalmente evidente que o máximo de modo simples existe necessariamente de tal maneira que é a necessidade absoluta. Mas também já se demonstrou que o máximo simples não pode ser senão uno. Por isso, conclui o Cusano, é sumamente verdadeiro que o uno é o máximo”²⁴. Nos capítulos seguintes a unidade será pensada como trina e una a partir do conceito de eternidade. Recordamos que a unidade absoluta e infinita alcançada especulativamente é reconhecida como o “Deus bendito” e assim Nicolau reprova os que afirmam a existência de vários deuses. Agora se abre a possibilidade de especular a partir da doutrina trinitária. Talvez, mais do que em outros campos, aqui se mostre como a relação dialética entre a filosofia e a teologia funda, anima e mantém a especulação cusana²⁵.

Filosofia, 2002; ANDRÉ, João Maria & ÁLVAREZ GÓMEZ, Mariano (Coord). *Coincidência dos opostos e concórdia*: Caminhos do Pensamento em Nicolau de Cusa. Actas do Congresso Internacional realizado em Coimbra e Salamanca nos dias 5 a 9 de Novembro de 2001. Tomo I. Coimbra: Faculdade de Letras, 2001; ATTI DEL CONGRESSO INTERNAZIONALE in occasione del V centenario della morte di Nicolò Cusano. *Nicolò Cusano agli inizi del mondo moderno*. Bressanone, 6-10 settembre 1964, Firenze: Sasoni Editori, 1970; PIAIA, Gregório (a cura di). *Concordia Discors*: studi su Niccolò Cusano e l’umanesimo europeo offerti a Giovanni Santinello. Padova: Editrice Antenore, 1993; BEIERWALTES, Werner. *Cusanus. Reflexión metafísica y espiritualidad*. Traducción de Alberto Ciria. Pamplona: Eunsa, 2005; SANTINELLO, Giovanni. *Introduzione a Niccolò Cusano*. 2ª Edizione con aggiornamento bibliografico. Roma-Bari/Italia: Laterza, 1987; VESCOVINI, Graziella F. *Il pensiero di Nicola Cusano*. Turin: UTET, 1998. GANDILLAC, Maurice de. *Nicolas de Cues*. Paris: Ellipses, 2001; ANDRÉ, João Maria. *Sentido, Simbolismo e Interpretação no Discurso Filosófico de Nicolau de Cusa*. Coimbra, 1997; BAUCHWITZ, O. F. O inominado dos nomes como o sem-nome vindouro: Eriúgena e Nicolau de Cusa. *Scintilla*: Revista de Filosofia e Mística Medieval. Curitiba: Faculdade de Filosofia São Boaventura, Sociedade Brasileira de Filosofia Medieval. Vol. 3 – nº2 – jul./dez. 2006/Semestral (p. 25 – 55); DE BONI, Luis A.; PICH, Roberto Hofmeister (Orgs.). *A recepção do pensamento greco-romano, árabe e judaico pelo Ocidente Medieval*. Porto Alegre, PUCRS, 2004 (Alguns artigos são dedicados a Nicolau de Cusa); REEGEN, Jan G. J. Ter; DE BONI, Luis A.; COSTA, Marcos Roberto N. (Orgs.) *Tempo e Eternidade na Idade Média*. Porto Alegre: EST Edições, 2007 (alguns artigos dedicados a Nicolau de Cusa); SCINTILLA. Revista de Filosofia e Mística Medieval. Vol. 4 – nº 1 – jan./jun. 2007. Faculdade de Filosofia São Boaventura-FFSB; Sociedade Brasileira de Filosofia Medieval-SBFM. Curitiba/PR, 2007 (número dedicado a Nicolau de Cusa).

²⁴ *De docta ignorantia*. w. L. I, Cap. VI, n. 17, p. 26, linhas 8-10: “*Est autem ostensum non posse nisi unum esse maximum simpliciter. Quare unum esse maximum est verissimum*”. (A douta ignorância. L. I, Cap. VI, n. 17, p. 13).

²⁵ Para a relação entre teologia e filosofia, fé e intelecto na especulação cusana: BEIERWALTES, Werner. “La relación entre filosofía y teología en Nicolás de Cusa”. In: _____. *Cusanus. Reflexión metafísica y espiritualidad*. Traducción de Alberto Ciria. Pamplona: Eunsa, 2005, p. 11-44. Segundo Beierwaltes (p. 11) “El Cusano trabaja más bien en el conocimiento y en el desarrollo del mismo problema con el que –mutatis

Por exemplo, já nos esclarecimentos preliminares à sua obra e ao determinar em que sentido ele entende “máximo” como “aquilo relativamente ao qual nada pode ser maior” e esclarecer que o máximo é o uno absoluto, que coincide com o mínimo, que é “em acto todo o ser possível” também o identifica com Deus, “que na fé de todos os povos se crê”²⁶. Pois “nenhum povo houve que não tenha adorado Deus e que não tenha acreditado que fosse o máximo em sentido absoluto” e, segue a autoridade de Marco Varrão quando referiu que “os Sissénios adoravam a unidade como o máximo”²⁷. Entretanto, com relação à trindade causa espanto o fato de Nicolau citar primeiramente Pitágoras, “homem de grande fama e de autoridade indiscutível”, segundo o qual “aque-la unidade é trina”²⁸ e não a autoridade da tradição cristã. O que segue, sugere Nicolau, é não somente um exame da “verdade” da afirmação de Pitágoras, mas também uma elevação do espírito²⁹ para além dela³⁰.

mutandis– los teólogos cristianos se comprometieron una y otra vez, abierta o solapadamente y con una intensidad diversa, desde la entrada del cristianismo en la historia”. Assim, o autor pode também concluir que o Cusano “no representa sin embargo ningún caso especial”; Cfr. também: HOPKINS, Jasper. *Glaube und Vernunft im Denken des Nikolaus von Kues. Prolegomena zu einem Umriß seiner Auffassung*. Trier: Paulinus-Verlag, 1996. Trierer Cusanus Lecture. Heft 3. (Tradução para o inglês: *Prolegomena to Nicholas of Cusa's conception of the relationship of faith to reason*, 1996). Os textos estão disponíveis em: <http://jasper-hopkins.info/>; REINHARDT, Klaus. Concordancia entre exégesis bíblica y especulación filosófica en Nicolás de Cusa. In: ÁLVAREZ GÓMEZ, Mariano & ANDRÉ, João Maria. *Coincidencia de Opuestos y Concordia: Los Caminos del Pensamiento en Nicolás de Cusa*. Actas del Congreso Internacional celebrado en Coimbra y Salamanca los días 5 a 9 de noviembre de 2001. Tomo II. Salamanca: Sociedad Castellano-Leonesa de Filosofía, 2002, p. 135-148.

²⁶ *De docta ignorantia*. w. L. I, Cap. II, n. 5, p. 26, linhas 14-17: “*Hoc maximum, quod et Deus omnium nationum fide indubie creditur, primo libello supra humanam rationem incomprehensibiliter inquirere eo duce, qui solus lucem inhabitat inaccessibilem, laborabo*”. (*A douta ignorância*. L. I, Cap. II, n. 5, p. 5).

²⁷ Segundo a edição portuguesa “a fonte de Nicolau de Cusa terá confundido *Antiquitates* de VARRÃO com *Antiquitates Iudaicae* (XV, 371-379) de J. FLAVIUS e daí a troca de Essénios por Sissénios” (*A douta ignorância*, p. 14, n. 13).

²⁸ A fonte cusana direta não é o próprio Pitágoras, mas o *De septem septenis* de João de Salisbúria (Cfr. *A douta ignorância*, p. 15, n. 14); na tradução italiana Santinello refere: “*Haec est illa trium unitas: quam solam adorandam esse docuit Pithagoras*” (1988: 79, nota 2).

²⁹ O termo “espírito” pretende ser uma tradução do termo latino *ingenium*, ii (capacidades intelectuais, inteligência, talento, gênio). Segundo Hopkins (NICHOLAS OF CUSA. *On learned ignorance* (De Docta Ignorantia). Trad. Jasper Hopkins. Second edition, Minneapolis, Minnesota: The Arthur J. Banning Press 1985. Disponível em: <http://jasper-hopkins.info/DI-I-12-2000.pdf>) “and elevate our intellects” (p. 56); em alemão (NIKOLAUS VON KUES. *De docta ignorantia*. In: Philosophisch-Theologische Werke. Band I. Felix Meiner Verlag: Hamburg, 2002) “*unseren Geist*” (p. 27); em espanhol (NICOLÁS DE CUSA. *Acerca de la docta ignorancia*. Libro I: Lo máximo absoluto (edición bilingüe). Introducción, traducción y notas de Jorge M. Machetta e Claudia D’Amico. Buenos Aires: Biblos, 2003) “*elevamos el ingenio más alto*” (p. 55); em italiano “*ed elevando la nostra mente*” (Segundo a tradução de Santinello. 1988: 79).

³⁰ *De docta ignorantia*. w. L. I, Cap. VII, n. 18, p. 26, linhas 1-7: “*Nulla umquam natio fuit, quae Deum non coleret et quem maximum absolute non crederet. Reperimus Marcum Varronem in libris Antiquitatum annotasse Sissennios unitatem pro maximo*

Mas, se o universalismo da fé cede lugar à fé católica e se a trindade pitagórica é a mesma Trindade da revelação e da tradição cristã, porém, Nicolau reconhece que os nomes Pai, Filho e Espírito Santo são tomados não considerando o próprio máximo, mas considerando as criaturas: “Mas, se os nossos santíssimos doutores³¹ chamaram à unidade Pai, à igualdade Filho, e à conexão Espírito Santo, fizeram-no por causa de certa semelhança com as coisas perecíveis” e, posteriormente, “com base nesta semelhança, ainda que muito remota, a unidade é chamada Pai, a igualdade Filho e a conexão amor ou Espírito Santo, mas só tendo em consideração as criaturas”³². Portanto, pode-se considerar a Trindade “tendo em consideração as criaturas” ou tendo em vista a “semelhança com as coisas perecíveis” e, portanto, especular sobre a Trindade a partir do vínculo ou da relação entre o pai e o filho. Mas, também se pode considerar a Trindade partindo da trindade pitagórica, mas superando-a por uma elevação do espírito. Nesse sentido, a especulação cusana sobre a Trindade, a partir do trinômio *unitas-aequalitas-connexio*, pretende superar tanto uma consideração segundo a criatura, mas também segundo o aspecto matemático-pitagórico. Ou seja, os exemplos matemáticos devem ser tomados naquilo que de fato são, isto é, guias para o incompreensível e o indizível.

O caminho que o intelecto percorre para a determinação da Trindade na unidade ou para a unidade na Trindade é a exploração de “todas as coisas com um processo discursivo que lhe é inerente” (*quod insatiabiliter indito discursu cuncta perlustrando attingere cupit*)³³. Assim, como a partir da oposição, da pluralidade e da contingência dos entes finitos se alcançou o Máximo simples, como uno e necessário, também a partir da alteridade ou mutabilidade, da desigualdade e da divisão se atinge a unidade eterna, a igualdade eterna e a conexão eterna que enquanto eternas não são três, mas uma. Na base de uma dialética de “unidade” e “dualidade”, na qual a unidade precede e antecede a dualidade sendo, por isso, eterna, Nicolau determina a alteridade, a desigualdade e a divisão como o modo de ser das coisas.

adorasse. Pythagoras autem, vir suo aevo auctoritate irrefragabili clarissimus, unitatem illam trinam astruebat. uius veritatem investigantes, altius ingenium elevantes dicamus iuxta praemissa”. (A douta ignorância. L. I, Cap. VII, n. 18, p. 14-15).

³¹ Santinello (*La dotta ignoranza*, 1988: 83, nota 2) explica que “I nostri dottori, cioè i cristiani, per esempio Agostino, *De doctrina christiana* I 5 (CCSL 32, p. 9). Il Cusano preferisce i termini astratti rispetto a quelli foggianti con similitudini dalle creature, come i tradizionali nomi della trinità: Padre – Figlio – Spirito Santo”.

³² *De docta ignorantia*. w. L. I, Cap. XI, n. 26, p. 34-36, linhas 1-4 e 11-18: “Quod autem sanctissimi nostri doctores unitatem vocaverunt Patrem, aequalitatem Filium, et connexionem Spiritum sanctum, hoc propter quandam similitudinem ad ista caduca fecerunt”; “Ex tali quidem licet distantissima similitudine Pater dicta est unitas, Filius aequalitas, connexio vero amor sive Spiritus sanctus, creaturarum respectu tantum, prout infra etiam suo loco clarius ostendemus. Et haec est meo arbitratu iuxta Pythagoricam inquisitionem trinitatis in unitate et unitatis in trinitate semper adorandae manifestissima inquisitio”. (A douta ignorância. L. I, IX, n. 26, p. 19-20).

³³ *De docta ignorantia*. w. L. I, n. 2, p.6, linhas 11-12 (A douta ignorância. L. I, Cap. I, n. 2, p. 3).

A alteridade, a desigualdade e a divisão são simultâneas por natureza, pois a dualidade é a primeira alteridade, a primeira desigualdade e a primeira divisão. Por exemplo, a alteridade ou mutabilidade inclui a “dualidade”, pois “consta de uma coisa e de outra” [*ex uno et altero*]; também a desigualdade inclui a “dualidade” enquanto “consta de algo que é igual e de algo que o excede” [*ex aequali et excedente*] e, por último, a “dualidade é divisão ou causa da divisão”. Assim, determinado em que sentido a unidade precede a alteridade ou a mutabilidade sendo imutável e eterna também se determina em que sentido a igualdade e a conexão são eternas enquanto precedem a desigualdade e a divisão que são simultâneas à alteridade. Como a unidade também a igualdade e a conexão precedem a alteridade e, portanto, são eternas. Todavia, embora simultâneas a alteridade, a desigualdade e a divisão são três determinações incluídas na “dualidade”. Mas, na eternidade a unidade, a igualdade e a conexão não são três, pois “não pode haver várias coisas eternas” e daí Nicolau concluirá que enquanto eternas “são uma só coisa” (*hinc unitas, aequalitas et connexio sunt unum*)³⁴.

No quinto capítulo Nicolau, seguindo a tradição neoplatônica, determina em que sentido o Máximo é uno. Será necessário, então, compreender como a unidade, a igualdade e a conexão é a mesma unidade na eternidade. O uno neoplatônico será repensado, pois a igualdade e a conexão não são ‘dois’ momentos exteriores ao uno. O encontro entre tradição neoplatônica e cristã determinará de que modo Nicolau compreenderá o movimento eterno no seio do uno. Os capítulos oitavo e nono buscam pensar o movimento eterno intratrinitário por meio de termos da tradição teológico-trinitária como “geração” e “processão”. Não será exagerado repetir que nesses capítulos se mostra de modo claro e inequívoco a presença do platonismo de Chartres. Nesse movimento a unidade eternamente gera a sua igualdade e a conexão procede eternamente desse mesmo movimento ou é esse mesmo movimento.

A igualdade é “aquilo que nas coisas não é susceptível de mais nem de menos, de nada superior e de nada inferior. Pois se fosse demais, a coisa seria monstruosa. Se fosse de menos, não seria”³⁵. Assim, como a unidade

³⁴ Para os dois últimos parágrafos: *De docta ignorantia*. w. L. I, Cap. VII, n. 18-21, p. 26-30 (*A douta ignorância*. L. I, VII, n. 18-21, p. 15-16). Podemos tomar um parágrafo do *Tractatus* de Thierry para iluminar essa relação entre unidade, alteridade e dualidade: “*Omnem alteritatem unitas precedit quoniam unitas precedit binarium qui est principium omnis alteritatis. ‘Alterum’ enim semper de duobus dicitur. Omnem igitur mutabilitatem pre aedit [sic.] unitas, siquidem omnis mutabilitas substantiam ex binario sortitur. Nihil enim aptum est mutari sive moveri, nisi etiam aptum sit ut prius se habeat uno modo deinde alio. Hanc igitur modorum alteritatem unitas praecedat, quare et mutabilitatem*” (*Tractatus*. nh. n. 30, p. 194-195).

³⁵ *De docta ignorantia*. w. L. I, Cap. VIII, n. 22, p. 30-32, linhas 10-13: “*Aequalitas vero essendi est, quod in re neque plus neque minus est, nihil ultra, nihil infra. Si enim in re magis est, monstruosum est. Si minus est, nec est*”. (*A douta ignorância*, VIII, n. 22, p. 17).

é pensada como sendo a entidade ou a forma de ser das coisas, também a igualdade da unidade será determinada como sendo a igualdade da entidade, a igualdade de ser e de existir³⁶. A relação entre a unidade e a sua igualdade, como dissemos, é determinada a partir do termo teológico “geração”. A tradição teológica pensou a relação entre a primeira e a segunda pessoa da trindade divina tomando como exemplo a relação de geração entre pai e filho. Um modo menos inapropriado seria pensar a geração a partir de uma simples operação matemática pela qual a unidade é repetida uma única vez³⁷. No caso da relação entre o pai e o filho, “a geração é a repetição da unidade ou a multiplicação da mesma natureza, que procede do pai para o filho”. Nas coisas perecíveis essa multiplicação acontecerá diversas vezes gerando, assim, a multiplicidade. O mesmo não ocorrerá na “geração da unidade pela unidade”, pois aqui o que se dá é “uma única repetição, ou seja, é a unidade uma vez”, pois se multiplicada duas, três ou mais vezes geraria multiplicidade, ou seja, algo diferente de si como a dualidade, triplicidade ou outro número. “Mas a unidade repetida uma só vez gera a igualdade da unidade”, ou seja, a “unidade gera a unidade” e isso eternamente³⁸.

O terceiro elemento ou a conexão da unidade e da igualdade da unidade é determinado a partir do termo processão [*processio*] que Nicolau define como uma “certa extensão de uma coisa para a outra” (*ab altero in alterum extensio*). No movimento intratrinitário a processão é a “unidade da repetição da unidade”. Isso significa, portanto, que a unidade repetida uma vez, isto é, a unidade e a sua igualdade estão unidas e ligadas [*coniungat et connectat*] eternamente como se de uma para outra algo se estendesse [*extenditur*]. Como a conexão não é “unidade de uma só coisa”, mas a

³⁶ A expressão *forma essendi*, conforme indica João Maria André (*A douta ignorância*, p. 17, nota 17) provém de Boécio. Além disso, ele indica também Thierry como fonte. Citemos algumas expressões *Tractatus* de Thierry (nh. n. 31, p. 195 e n. 44; 45, p. 199): “*At divinitas singulis rebus forma essendi est*”; “*Immo universaliter affirmandum est ipsam unitatis equalitatem esse singulis rebus essendi formam*”; “*non est dubium quin ipsa unitatis aequalitas sit rebus omnibus forma essendi eterna ac formalis cuasa secundum quam artifex eternus modum existendi omnibus rebus constituit*”.

³⁷ Também podemos encontrar no *Tractatus* de Thierry a fonte desse modo “matemático” de se pensar a igualdade da unidade. Segundo o *Tractatus* podem-se dar dois modos de geração com relação à unidade: multiplicada por ela mesma a unidade gera a sua igualdade, ou seja, ela mesma e multiplicada por qualquer outro número ela gera todos os outros números. Da mesma forma que a unidade precede o número e é eterna, também a sua igualdade. Daí Thierry concluirá que como não podem existir diversos eternos, a unidade e a igualdade da unidade são um (*Unitas igitur et aequalitas unitatis unum sunt*). (Cfr. *Tractatus*, n.h. n. 38-40, p. 197).

³⁸ *De docta ignorantia*. w. L. I, Cap. VIII, n. 23, p. 32, linhas 5-11: “*Generatio autem unitatis ab unitate est una unitatis repetitio, id est unitas semel; quod, si bis vel ter vel deinceps unitatem multiplicavero, iam unitas ex se aliud procreabit, ut binarium vel ternarium vel alium numerum. Unitas vero semel repetita solum gignit unitatis aequalitatem; quod nihil aliud intelligi potest quam quod unitas gignat unitatem. Et haec quidem generatio aeterna est.*” (*A douta ignorância*. L. I, VIII, n. 23, p. 16-18).

unidade enquanto conexão procede da unidade para a igualdade da unidade e a igualdade da unidade procede para a unidade. Nesse sentido, a conexão procede de ambas “porque é como se se estendesse de uma para a outra”. A conexão é o movimento eterno pelo qual a unidade se estende ou avança para a sua igualdade e reciprocamente³⁹. Por fim, Nicolau considera que é esta “na sequência da investigação de Pitágoras [...], a mais clara investigação sobre a Trindade na unidade e sobre a unidade que sempre deve ser adorada na Trindade”⁴⁰.

Até aqui tentamos mostrar que Duhem acerta ao aproximar a compreensão cusana sobre a trindade daquela doutrina trinitária de Thierry de Chartres. Porém, engana-se ao não atribuir também a Thierry a doutrina cusana da *connexio* que juntamente com os termos *unitas* e *aequalitas* configuram a especulação trinitária do Cardeal alemão. Por outro lado, não podemos esquecer que também no segundo livro do *De docta ignorantia* a compreensão cusana sobre a trindade reaparece, mas agora em relação à especulação sobre o máximo contraído, mundo ou universo. No segundo livro Nicolau afirma que o “máximo contraído ou concreto, tendo do absoluto tudo aquilo que é, imita quanto pode” o máximo absoluto. Assim, conclui o Cusano, que o afirmado no primeiro livro e que convém de modo máximo ao máximo absoluto, convém “contraidamente ao máximo contraído”⁴¹. Por isso, nos primeiros seis capítulos do segundo livro do *De docta ignorantia* ele teve a pretensão de pensar sobre o tema da unidade do universo que não é absoluta, mas contraída. Da mesma forma, também corresponderá pensar sobre a trindade do universo, pois se “a unidade absoluta é necessariamente trina” (*Postquam unitas absoluta est necessario trina*) do mesmo modo “a unidade máxima contraída, na medida em que é unidade, é trina” (*ita quidem unitas maxima contracta, etiam ut est unitas, est trina*).⁴²

³⁹ *De docta ignorantia*. w. L. I, Cap. IX, n. 24, p. 32-34. (A *douta ignorância*. L. I, IX, n. 24, p. 18).

⁴⁰ *De docta ignorantia*. w. L. I, Cap. IX, n. 26, p. 36, linhas 15-18: “*Et haec est meo arbitratu iuxta Pythagoricam inquisitionem trinitatis in unitate et unitatis in trinitate semper adorandae manifestissima inquisitio.*” (A *douta ignorância*. L. I, IX, n. 26, p. 20).

⁴¹ *De docta ignorantia*. w. L.II, Cap. IV, n.112, p. 30, linhas 9-14: “*Nam ipsum contractum seu concretum cum ab absoluto omne id habeat, quod est, tunc illud, quod est maximum, maxime absolutum quantum potest concomitatur. Igitur quae in primo libro de absoluto maximo nobis nota facta sunt, illa, ut absoluto absolute maxime conveniunt, contracto contracte convenire affirmamus.*” (A *douta ignorância*. L. II, Cap. IV, n. 112, p. 80). Sobre o conceito cusano de *contractio*: MACHETTA, Jorge M. Dependencia y consistencia de lo causado – Lo máximo contracto y la consistencia de lo singular. Un recorrido a través de los textos de la *docta ignorantia*, libro II, capítulos 1º al 5º. In: *Scintilla*. Revista de Filosofía e mística medieval. Vol. 4 – nº1 – jan./jun. 2007; p. 113-144.

⁴² Quando no primeiro livro do *De docta ignorantia* Nicolau de Cusa especula sobre a Trindade parte do mundo ou da multiplicidade, desigualdade e divisão enquanto características que determinam os entes criados ou finitos. À multiplicidade precede a unidade, à desigualdade a igualdade e à divisão a conexão. Unidade, igualdade e conexão, enquanto eternas, são uma mesma e única unidade, ou seja, uma trindade que é unidade. Agora essa trindade uma ilumina o conhecimento do próprio mundo, pois

Portanto, as indicações de Duhem são importantes para uma reconstrução histórica da interpretação da relação entre Nicolau de Cusa e Thierry de Chartres. Porém, sua análise é limitada tendo em vista o parvo conhecimento das obras e fontes do Cardeal Alemão, mas também dos comentários de Thierry ao *De trinitate* de Boécio. Podemos concluir, em primeiro lugar, que também a fonte cusana para o tema da *connexio* ou *nexus* é Thierry. Por outro lado, embora Nicolau funde a sua especulação sobre a Trindade nas especulações do chartrense talvez mais do que “plágio” devêssemos falar de uma “apropriação produtiva”⁴³ dessa mesma tradição tendo em vista, sobretudo, a enorme importância e repercussão que a doutrina trinitária, pensada por meio do trinômio *unitas-aequalitas-connexio*, terá em toda a sua obra.

Apenas para fundamentar nossa conclusão gostaríamos de recordar que no *De venatione sapientiae* (1462)⁴⁴, texto que pode ser considerado o “testamento filosófico” de Nicolau de Cusa⁴⁵, o *unitas-aequalitas-nexus* figura entre os dez campos da caça da sabedoria que incluem também a douda ignorância, o *possest*, o *non-aliud*, a luz, o louvor, o termo e a ordem⁴⁶.

se no primeiro livro mostrou-se que a Trindade divina só pode ser conhecida por meio do mundo, agora o próprio conhecimento do universo é iluminado pelo conhecimento alcançado do seu princípio como Nicolau expõe no *Prólogo* do Segundo Livro: *De docta ignorantia*. w. L.II, Prologus, n.90, p. 2, linhas 8-12: “Cum autem causatum sit penitus a causa et a se nihil et originem atque rationem, qua est id quod est, quanto propinquius et similius potest, concomitetur: patet difficile contractionis naturam attingi exemplari absoluto incognito”. (A douda ignorância. L. II, *Prólogo*, n. 90, p. 65). Uma análise da especulação cusana sobre a trindade do universo no segundo livro do *De docta ignorantia* confirmaria ainda mais como Nicolau se apropria de modo produtivo da tradição da Escola de Chartres. Infelizmente, por questão de espaço, não podemos segui-lo nessa especulação.

⁴³ Cfr. BEIERWALTES, W. “Nicolás de Cusa: innovar inteliendo desde la tradición, mostrado paradigmáticamente en su pensamiento de lo uno”. In: _____. *Cusanus. Reflexión metafísica y espiritualidad*. Traducción de Alberto Ciria. Pamplona: Eunsa, 2005, 45-66).

⁴⁴ Citaremos o texto cusano a partir da seguinte edição: NICOLAI DE CUSA. *De venatione sapientiae*. Opera omnia. Iussu et auctoritate Academiae Litterarum Heidelbergensis ad codicum fidem edita. Vol. XII. Hamburg: Felix Meiner, 1982, p. 1-113 (sigla h). Sobre a data de redação da obra: “Itaque librum De venatione sapientiae scriptum esse autumnus anni 1462 vel Chianciani vel Castro Plebis concludimus” (*Praefatio*, p. XIII). Sobre as razões que levaram os editores a determinarem esta data ver as páginas X-XIII.

⁴⁵ BEIERWALTES apud K. FLASCH (BEIERWALTES, W. “Nicolás de Cusa: innovar inteliendo desde la tradición, mostrado paradigmáticamente en su pensamiento de lo uno”. In: _____. *Cusanus. Reflexión metafísica y espiritualidad*. Traducción de Alberto Ciria. Pamplona: Eunsa, 2005, 45-66) p. 50. Também Álvarez Gómez (ÁLVAREZ GÓMEZ, Mariano. Concordancia en la diferencia según Nicolás de Cusa. In: ÁLVAREZ GÓMEZ, Mariano & ANDRÉ, João Maria. *Coincidencia de Opuestos y Concordia: Los Caminos del Pensamiento en Nicolás de Cusa*. Actas del Congreso Internacional celebrado en Coimbra y Salamanca los días 5 a 9 de noviembre de 2001. Tomo II. Salamanca: Sociedad Castellano-Leonesa de Filosofía, 2002, p. 17-36.) considera o *De venatione sapientiae* como o “testamento filosófico” de Nicolau de Cusa (p. 18).

⁴⁶ *De venatione sapientiae*. h.XII. Cap. XI, n. 30, p. 30, linhas 7-10: “De tribus regionibus et decem campis sapientiae: “Decem vero puto campos venationi sapientiae plurimum

Por exemplo, o capítulo do *De venatione sapientiae*⁴⁷ no qual se dá a “caça” no *campo unitatis* começa com uma afirmação do *De ordine* de Agostinho de que a atenção de todos os filósofos se centra em torno ao uno⁴⁸, mas

aptos: Primum nomino doctam ignorantiam, secundum possest, tertium non aliud, quartum lucis, quintum laudis, sextum unitatis, septimum aequalitatis, octavum conexonis, nonum termini, decimum ordinis”.

⁴⁷ Sobre a concepção trinitária do platonismo de Chartres e a influência sobre o Cusano destacamos também: “La unión, de motivación cristiana, de ‘unitas’ y ‘trinitas’ en la ‘sanctissima tri-unitas’, es un tema que acompaña al Cusano toda su vida. En el contexto que aquí tenemos especialmente a la vista en *De venatione sapientiae*, eso se muestra, entre otras cosas, en que el Cusano continúa inmediatamente sus reflexiones sobre la unidad, o diciéndolo metafóricamente, su caza de la unidad, en los dos ‘campos’ de la ‘igualdad’ (*aequalitas*) y del ‘enlace’ (*nexus, conexio*). No están yuxtapuestas ni se suceden en gradaciones, sino que se juntan en una tri-unidad abierta en ella misma y para sí misma. La unidad engendra (*fecunda unitas*) desde sí misma su ‘Palabra’ como igualdad que le es esencial, de modo que la igualdad que procede sin tiempo de la unidad y que se expresa inmediatamente, es ‘no otro’ que ella misma. Esta igualdad con la unidad se realiza como ‘amorosus nexus’ o ‘amorosa conexio’, como la autorreferencia amorosamente unificante de ambos: unidad como apertura interna a sí misma y al mismo tiempo como regreso a sí misma. El ‘enlace’, constitutivo para la unidad tri-una, puede entenderse ‘emocionalmente’ en metáforas como ‘amor’ o como ‘intelectual’, en el sentido de la *speculatio* en *De non aliud*, como movimiento que se autodefine y que comienza en ella misma y que termina con ella misma, como realización de una autorreflexión en el concepto que se concibe a sí mismo: *conceptus absolutus*. En su teoría de la unidad trinitaria de ‘unitas-aequalitas-conexio’, el Cusano piensa productivamente, y llevándolos a un alcance universal, los rasgos de pensamiento que Mario Victorino, San Agustín y los platónicos de Chartres elaboraron en complejas reflexiones (BEIERWALTES, W. “Nicolás de Cusa: innovar entendiendo desde la tradición, mostrado paradigmáticamente en su pensamiento de lo uno”. In: _____. *Cusanus. Reflexión metafísica y espiritualidad*. Traducción de Alberto Ciria. Pamplona: Eunsa, 2005, 45-66). Conferir também: BEIERWALTES, Werner. *Identità e Differenza*. Traduzione di Salvatore Saini; Introduzione di Adriano Bausola. Milano/Itália: Vita e Pensiero, 1989, 187-188: “Sin dagli inizi Cusano ha cercato di concepire questa *triunitas* mediante la triade di *unitas-aequalitas-connexio* come l’unità originaria, la quale ‘diviene’ uguale a se stessa nel testimoniare del Figlio, della Parola, o produce la propria uguaglianza, ma che ha unito anche la sua uguaglianza con se stessa all’assoluta uguaglianza con se stessa (*aequalitas absoluta*). Dunque la processione è già un movimento di ritorno a sé. Se la processione dell’inizio sino alla sua propria uguaglianza non può essere pensata come un diventar-*altro*-da-se-stesso, allora anche l’unione è identica all’uguaglianza: l’uguaglianza sorta dalla processione proceduta è il suo proprio movimento di ritorno; oppure: uguaglianza e unione sono allo stesso modo il compimento dell’unità senza tempo. Poiché l’unità viene rivendicata per questa triade, le tre fasi della *processio* senza tempo non possono essere viste sotto l’aspetto del numero. Come l’Uno non è numero, ma principio di questo, così anche l’assoluta unità che si apre deve essere pensata libera dal numero e, quindi, dall’alterità (nel senso di una reciproca esclusione). *Numerare enim est unum ‘alterare’, sed unum et idem trinititer replicare est plurificare sine numero*. Nonostante l’unità, deve essere, tuttavia, accettata una distinzione, che l’unità invero schiude, ma le cui ‘fasi’ non esclude reciprocamente. Di conseguenza si deve accettare l’accertazione verbale mediante negazione e paradosso: l’unità trinitaria è *alteritas sine alteritate, quia este alteritas quae identitas*”.

⁴⁸ *De venatione sapientiae*. h.XII. Cap. XXI, n. 59, p. 56, linhas 3-5: “*Aurelius Augustinus dum sapientiam venari niteretur, in libello De ordine scribit omnium philosophorum considerationem circa unum versari*”.

curiosamente também se conclui com outra citação que Nicolau acredita ser do *De Trinitate* de Agostinho⁴⁹ para evidenciar que fazem “caças sápidas” os que veem na eternidade que a fecunda unidade gera de si mesma a igualdade e que o amor que une procede da unidade e da igualdade, pois são a própria simplicíssima eternidade⁵⁰. Essas indicações do Cusano dão conta de que o alcançado com essa visão não é uma ciência, mas a sabedoria ou uma “ciência sávida”⁵¹ e que a região na qual ela se dá não é a da similitude perpétua ou do fluxo temporal, mas a primeira região, ou seja, aquela em que a unidade se encontra assim como é eternamente⁵².

Da mesma forma, no *campo equalitatis*, a igualdade é também pensada a partir da relação trinitária, pois ao final do capítulo Nicolau a identifica com o Verbo do *non aliud*, ou seja, do Deus criador que fala e que define a si e a todas as coisas⁵³. Assim, a igualdade é pensada como forma de ser da qual participam todas as coisas que são desiguais entre si. Por isso, as coisas desiguais entre si são iguais enquanto participam da igualdade, mas são desiguais por participarem desigualmente. Com o exemplo da relação entre a espécie e as coisas que dela participam a referência trinitária se mostra claramente: a espécie é ao mesmo tempo a unidade que une todas as coisas que pertencem a essa espécie, é também a igualdade que igualmente forma as coisas unidas e é o nexos ou a união de todas elas⁵⁴. Quando tomamos por base o *campo nexus* a referência trinitária se completa, pois o nexos amoroso procede da unidade e da igualdade⁵⁵. Por último, o capítulo

⁴⁹ Em nota os editores da edição crítica comentam: “In libris De Trinitate Augustinus appropriatione ternaria unitatis fecundae, aequalitatis generantis, amoris conectentis non usus est; attamen filium aequalitatem aeternitatis [...], spiritum sanctum caritatem [...] nominavit”. Os editores remetem para os termos *unitas*, *aequalitas*, *concordia* que se encontram no *De doctrina christiana* e também para os comentários de Thierry de Chartres ao *De trinitate* de Boécio.

⁵⁰ *De venatione sapientiae*. h.XII. Cap. XXI, n. 63, p. 60-61, linhas 18-23: “Venationes igitur in hoc unitatis campo sapidas facit, qui – ut fecit Augustinus in libro De trinitate – unitatem fecundam de se aequalitatem generantem et amorem conectentem ab unitate <et> aequalitate procedentem videt sic in aeternitate, quod sunt ipsa simplicissima aeternitas”.

⁵¹ *De venatione sapientiae*. h.XII. Prologus, n. 1, p. 4, linhas 18-19: “Sollicitamur appetitu naturae nostrae indito ad non solum scientiam, **sed sapientiam seu sapidam scientiam** [negrito nosso] habendum”.

⁵² *De venatione sapientiae*. h.XII. Cap. XI, n. 30, p. 4, linhas 3-6: “[...] tres sunt regiones sapientiae: Prima, in qua ipsa reperitur, uti est aeternaliter. Secunda, in qua reperitur in perpetua similitudine. Tertia, in qua in temporali fluxu similitudinis lucet a remotis”.

⁵³ *De venatione sapientiae*. h.XII. Cap. XXIII, n. 70, p. 67, linhas 7-9: “Nam aequalitas est verbum illud ipsius non aliud, scilicet dei creatoris se et omnia dicentis et diffinientis”.

⁵⁴ *De venatione sapientiae*. h.XII. Cap. XXIII, n. 70, p. 68, linhas 10-15: “Omnia igitur inter se inaequalia aequalitatem quasi cuiuslibet essendi formam participant, et in hoc aequalia sunt; et quia illam inaequaliter participant, inaequalia sunt. Concordant igitur pariter et differunt omnia. Quaecumque species, sicut est unitas uniens in se omnia suae speciei, ita et aequalitas aequaliter unita formans; similiter et omnium nexos”.

⁵⁵ *De venatione sapientiae*. h.XII. Cap. XXIV, n. 71, p. 68-69, linhas 7-8: “Sicut enim divisio procedit a pluralitate et inaequalitate, sic amorosus nexos ab unitate et aequalitate”.

vinte e seis é uma *manuductio* matemática com o objetivo de fazer ver que “a trindade da qual se falou anteriormente”, ou seja, no campo *nexus* e, portanto, a unidade, a igualdade da unidade e o nexo de ambas, “sendo unidade, é o que pode ser”, precede o intelecto e é compreendida pela mente humana “de modo incompreensível”⁵⁶.

Endereço Postal:
Rua Felipe de Araújo Pereira, 393
Bairro Paraíba – Por trás do Centro Cultural
59.300-000 Caicó – RN
josteix@hotmail.com

⁵⁶ *De venatione sapientiae*. h.XII. Cap. XXVI, n. 74, p. 71-72, linhas 3-6: “Nunc vero subiciam manuductionem unam mathematicam, ut videas trinitatem praemissam, cum sit unitas, id esse quod esse potest, licet omnem intellectum antecedit et non nisi incomprehensibiliter comprehendatur per omnem humanam mentem”.